



INFÂNCIA CAMPONESA: INTERAÇÕES ENTRE CORPO, NATUREZA, TRABALHO E CULTURA¹

Jaciara Oliveira Leite²

Leila Chalub Martins³

RESUMO

Este texto trata da relação entre infância camponesa e as dimensões do corpo, natureza, trabalho e cultura. É um recorte da pesquisa de doutorado intitulada “ Infância, Corpo e Educação do Campo na Comunidade do Sertão - Chapada dos Veadeiros - GO”. A metodologia privilegiou as diferentes expressões das crianças e teve como instrumentos principais: observação participante e entrevista. Destaca-se a infância constituída em interação com o Cerrado e os desafios em ser criança camponesa. PALAVRAS-CHAVE: Infância; Corpo; Campo.

INTRODUÇÃO

“O Sertão é do tamanho do mundo” (Guimarães Rosa).

Como é ser sujeito-criança no campo? O que as crianças dizem (em suas mais diversas linguagens) sobre sua vida, seu lugar?

Essas foram as questões de pesquisa da investigação de doutorado intitulada provisoriamente “ Infância, Corpo e Educação do Campo”⁴. Este texto apresenta um recorte com alguns de seus resultados preliminares e tem por objetivo tratar da relação entre infância camponesa e as dimensões do corpo, natureza, trabalho e cultura.

A investigação foi realizada em co-parceria com os sujeitos, especialmente com as crianças, da Comunidade e da Escola do Sertão localizada no município de Alto Paraíso de Goiás na Chapada dos Veadeiros - GO. Um lugar de belas paisagens, rica biodiversidade do Cerrado e composto em sua maioria por pequenos/as agricultores/as. A zona de amortecimento do Parque Nacional Chapada dos Veadeiros, Reserva da Biosfera, Área de Proteção Ambiental (APA - GO), e corredor ecológico Paranã - Pirineus passam pela comunidade (REZENDE, 2010), o que garante a ela certa proteção quanto à degradação do Cerrado tão presente no estado de Goiás em decorrência do agronegócio.

1 O presente trabalho recebeu apoio financeiro via Edital Auxílio à Pesquisa DPP-UnB No 02/2016.

2 Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD/UFG), jacifef1@yahoo.com.br

3 Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UnB), leilachalub3@gmail.com

4 A pesquisa de campo foi concluída em novembro de 2016. Teve aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da UnB. Parecer nº 2.010.482.

1 AS CRIANÇAS E A CONSTRUÇÃO COMPARTILHADA DA PESQUISA

Pesquisas com crianças no contexto comunitário rural revelam que elas sabem muito do lugar onde vivem, da geografia, da natureza, do trabalho, do brincar, das pessoas e dos costumes culturais. Isso foi observado em diferentes grupos de crianças camponesas - quilombolas, ribeirinhos, pescadores, agricultores familiares... (SILVA *et al*, 2013). Essas características foram perceptíveis também na comunidade participante desta investigação. No total foram 10 (dez) viagens de campo ao Sertão, 5 (cinco) em 2015 e 5 (cinco) em 2016. Optou-se por trabalhar com “instrumentos lúdicos de coleta de dados”, ou seja, com jogos, brincadeiras e maneiras lúdicas de interagir com as crianças mesmo quando por meio de instrumentos mais tradicionais como a entrevista, a fotografia e a observação (SILVA, 2009). Este texto abará somente a observação participante e a entrevista coletiva.

2 CORPOS BRINCANTES: NATUREZA, TRABALHO E CULTURA NO CERRADO

É a partir do movimento dialético entre sujeito e a cultura no qual está inserido que o agir corporal assume sentido e significado (VYGOTSKY, 2003). Para as crianças, o brincar e o movimento são modos privilegiados para se expressar e viver suas experiências (ARENHART, 2003), informando seus desejos, interesses e necessidades.

Há uma simbiose entre as crianças do Sertão com o clima, os ciclos, rios, fauna e flora do Cerrado. As características do bioma interferem ou mesmo definem muitas das atividades por elas realizadas. No auge da seca do ano de 2016, em agosto, um grupo de 4 crianças convidou-me e guiou-me para um passeio no Rio São Bartolomeu. A umidade do ar baixa e a alta temperatura típicas desse período, fazem do rio um lugar ainda mais convidativo.

Fomos eu, Grazielle (12 anos), Kaliel (11 anos), Guilherme (8 anos) e Elinha (10 anos). Abaixo um breve relato de nossa aventura que intitulei de “O jatobá”:

Grazielle sai do rio e vai até o pé de jatobá, que fica na margem. No chão há vários jatobás só aguardando para serem catados.

Kaliel: - Joga desse aí pra mim, pra mi quebrar... Elinha: - Jatobá! Gui: - Joga pra mim, Grazi!

Invenção de criança: Grazi entra na água cheia de jatobás “flutuantes”, mais de 10!!! Ela e Kaliel, que são os maiores do grupo, mergulham e pegam pedras no fundo do rio para quebrá-los. As pedras eram usadas por todos e contávamos com ajudas dos mais experientes para abrir o jatobá. Para os menores, Elinha e Gui, havia ainda o desafio de ficar em pé, pois ali já era um pouco fundo para eles (Diário Camponês, agosto, 2016).

É possível analisar que refrescar-se foi só uma das possibilidades de interação entre as crianças e o rio. Vários elementos podem ser ressaltados dessa vivência e puderam ser também identificados em outras situações observadas e vividas com as crianças. Destacam-se dois deles, o primeiro refere-se aos conhecimentos das crianças sobre o Cerrado e a região, nesse caso expresso em como catar, abrir e comer o jatobá, deslocar-se no rio e identificar um rastro de onça.

O segundo elemento diz respeito ao processo de aprendizado social por meio da imitação e da mediação feita pelos sujeitos mais experientes que, nessa situação,

foram as crianças mais velhas, de modo que os saberes citados e outros puderam ser apreendidos por todos (VYGOTSKY, 2003), inclusive por mim. Eram saberes que passavam pelo corpo, exigindo determinadas técnicas corporais (MAUSS, 1974).

Analisa-se que a possibilidade de viver a infância num território camponês em que os rios estão limpos, as árvores estão de pé e no qual as famílias produzem, com todas as dificuldades e contradições, a sua existência, como se percebe na Comunidade do Sertão, desdobra-se numa outra maneira de viver o próprio corpo e de se constituir como sujeito-criança mais integrado à natureza.

Essa maneira distingue-se do paradigma moderno da relação corpo e natureza, pautado na fragmentação de ambos e no distanciamento do ser humano de si mesmo e de outras formas de vida. Ao mesmo tempo que aproxima-se de concepções holísticas, como a cosmovisão indígena das Américas, ainda na atualidade, e a ideia de *physis* para os gregos, na Grécia antiga.

Kaká Verá Jecupé⁵ (2017), indígena da etnia guarani, esclarece que:

[...] a história antiga de todas as etnias, dos mais diversos povos, o que todos tem em comum é uma incrível habilidade para interagir com aquilo que é chamado de ecossistema. Para esses povos, o ecossistema é uma entidade, uma inteligência viva [...] muito povos, para não dizer todos, fundem os seus mitos de origem, as suas histórias de origem [...] com as inteligências fundadoras.

Já para os gregos, o termo *physis* indicava a interligação permanente entre todos os seres e era também visto como sinônimo de natureza que seria: “uma essência que se mantém e que, ao mesmo tempo, produz uma identidade, uma irmandade entre todos os seres” (SILVA, 2006, p. 39).

O movimento dialético da realidade, pautado pela luta de classes como aspecto marcante do capitalismo, desafia e, em muitos momentos, rompe a integração entre ser humano e natureza.

A Comunidade do Sertão enfrenta muitas dificuldades ligadas aos ciclos naturais e à ausência do Estado, duas delas são nevrálgicas: a falta de abastecimento de água em todas as casas, principalmente durante o extenso período de seca; e as condições inadequadas da rodovia de terra (GO 239) que se acentuam no período das águas e no auge da seca, impactando fortemente no deslocamento das pessoas e no já longo trajeto das crianças até a escola. Com a estrada em condições “normais”, as crianças, jovens e trabalhadoras da instituição que moram mais distante podem passar até 8 horas por dia dentro do transporte escolar, sendo 4 horas para ir e mais 4 para voltar.

Ao serem perguntadas sobre o que precisa de melhorar na comunidade, a resposta das crianças é quase uma só, como nas palavras indignadas de Malu: - O ônibus e a estrada, tá muito buraquenta”! (Entrevista com as crianças “chegantes”).

São esforços diários para viver o direito de estudar e de encontrar seus pares, já que a escola é o principal espaço-tempo de sociabilização entre as crianças na modernidade, ainda mais quando as distâncias entre as casas são significativas,

⁵ Kaká é uma liderança indígena guarani e tem entre suas publicações o livro “A Terra dos mil povos : história indígena do Brasil contada por um índio” (1998). Entrevista ao Programa Roda Viva em 09/01/2017.

como no Sertão. Nesta comunidade, a escola é polo articulador e centro irradiador de atividades políticas, culturais e sociais. Ela é expressão da resistência de um modo de vida camponês, cerratense, sertanejo; espaço de debates políticos, de atividades para saúde, de votação eleitoral, de festa, de reunião, de disputas e aprendizados...

Com base na perspectiva da Educação do Campo, compreende-se que a escola compõe os territórios educativos camponês, já que os processos de formação humana não se encerram nela, mas estão presentes em todas as esferas da vida: no trabalho, no lazer, na natureza e nas relações sociais como um todo (CALDART, 2012).

O trabalho é dimensão fundamental do processo de desenvolvimento humano. Para Marx (2008), é por meio do trabalho que o ser humano transforma a natureza e é por ela transformado. A pesquisa demonstrou que as crianças trabalham, especialmente, ajudando sua família nos afazeres domésticos e na roça. Arenhart (2003, p. 135) contribui para o debate entre infância e trabalho ao esclarecer que:

[...] as crianças trabalham e isso não chega a ser problema para o direito à infância, desde que o tipo de trabalho que realizam não as aliene da condição de sujeitos e de crianças. Para isso, somente um trabalho que não seja alienado, que não as limite de vivenciar outras experiências humanas, como o estudo e a brincadeira que é própria da infância, pode ser aceitável.

Muitas vezes, foi possível perceber uma fusão entre trabalho e brincadeira. O papo com Rafa (5 anos) exprime essa percepção:

Rafa nos contou que ganhou uma mula e estava bem feliz, que a mula era mancinha e tranquila. Perguntei a ela sobre os finais de semana...Ela me falou que acorda bem cedo junto com o pai, o ajuda no curral, solta os bezerras e que gosta muito de fazer isso. Depois dessas atividades, vai brincar com o cachorro e depois vai tomar café. [...] Fica o dia inteiro andando de bicicleta (Diário Camponês, setembro, 2016).

O trabalho como “estratégia de manifestação lúdica”, associada às experiências com a natureza, próxima aos familiares e com seus pares, foi observada, outrossim, por Arenhart (2003) com as crianças sem-terrinha e em outras realidades camponesas pesquisadas, indicando que as crianças tendem a ressignificá-lo e vivenciá-lo de forma distinta do adulto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa forma outra de viver a infância e de constituir-se como sujeito de modo mais orgânico com a natureza, mais saudável e pleno só pode ser ampliada e aprofundada se as pessoas tiverem condições objetivas de permanecer e contribuir com o desenvolvimento de seus territórios e de suas famílias, se o Cerrado ficar de pé e os rios livres de agrotóxicos para essa e para as gerações futuras.

CAMPONESE CHILDHOOD: INTERACTIONS BETWEEN THE BODY, NATURE, LABOR AND CULTURE

ABSTRACT: This text is about the relation between camponese childhood and the dimensions of the body, nature, labor and culture. It's a cut of the doctoral research titled "Childhood, Body and Field Education in the Comunidade do Sertão - Chapada dos Veadeiros - GO". The methodology

focused on the expressions of the children and had as main instruments: participant observation and interview. It stands out the childhood constituted in interaction with the Cerrado and your challenges. KEYWORDS: Childhood; Body; Field.

NIÑEZ CAMPESINA: INTERACCIONES ENTRE EL CUERPO, NATURALEZA, CULTURA Y TRABAJO

RESUMÉN: *Este texto trata de la relación entre la niñez campesina y las dimensiones del cuerpo, la naturaleza, el trabajo y la cultura. Es un recorte de la investigación doctoral titulada “La niñez, el cuerpo y Educación rural en la Comunidade do Sertão - Chapada dos - GO”. La metodología se centró en las expresiones de los niños y ha tenido como instrumentos principales: la observación participante y la entrevista. Se destaca la niñez en interacción con el Cerrado y los desafíos para ser niño campesino.*

PALABRAS CLAVE: *La Niñez; El Cuerpo; El Campo.*

REFERÊNCIAS

- ARENHART, D. **A mística, a luta e o trabalho na vida das crianças do assentamento conquista na fronteira**: significações e produções infantis, 2003. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação - UFSC.
- CALDART, R. Educação do Campo. In: CALDART, R. et al (orgs.) **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.
- MARX, K. **O Capital** - crítica da Economia Política. Trad. de Reginaldo Sant’Anna. 25.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- MAUSS, M. Técnicas Corporais. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 1974.
- REZENDE, D. F. **Conquistas comunitárias da gestão participativa na Educação do Campo**: o caso da Escola do Sertão na Chapada dos Veadeiros - GO. 2010. Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável - UnB.
- SILVA, A. M. A natureza da PHYSIS HUMANA: indicadores para o estudo da corporeidade. In: SOARES, Carmen. **Corpo e história**. 3.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção Educação Contemporânea).
- SILVA, M. Eventos-Campos: Um relato da experiência do fazer investigativo com crianças da Zona da Mata Canavieira Pernambucana. In: FARIA et al (orgs.). **Por uma cultura da infância**: metodologia de pesquisa com crianças. 3.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- SILVA, I. et al (org.). **Infâncias do campo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Coleção Caminhos da Educação do Campo).
- VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2003.